EIXO 3 - FORMAÇÃO DE PROFESSORES, DIVERSIDADE E PRÁTICAS EMANCIPATÓRIAS

EDUCAÇÃO NÃO FORMAL, IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL E FORMAÇÃO DOCENTE: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA IMERSÃO NO ESPAÇO DE PESQUISA E CULTURA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS (EPCRER)

Mateus do Nascimento Nóbrega[1]

A formação docente, compreendida como processo contínuo de construção de saberes, identidades profissionais e consciência crítica, requer vivências que articulem teoria, prática e reflexão situada. Este trabalho apresenta uma análise da imersão realizada no Espaço de Pesquisa e Cultura das Relações Étnico-Raciais (EPCRER), enfatizando a observação participante como instrumento formativo e como via de compreensão das dinâmicas socioculturais que atravessam um espaço não formal dedicado à valorização das culturas negra, indígena e cigana. O estudo tem como objetivo discutir como essa experiência contribuiu para o desenvolvimento de uma postura crítica em relação às práticas educativas, às relações étnico-raciais e ao papel social do pedagogo. A imersão ocorreu no contexto da disciplina Prática Educacional, Pesquisa e Extensão (FN), cuja dimensão teórica discutiu concepções de educação emancipatória, formação reflexiva docente, educação não formal e relações étnico-raciais no Brasil. A relevância do trabalho reside na necessidade de fortalecer processos formativos que dialoguem com direitos humanos, diversidade, pedagogias críticas e justiça social, especialmente frente aos desafios impostos pelas desigualdades históricas e pelo racismo estrutural. A metodologia fundamentou-se na observação participante, realizada em quatro dias durante outubro e novembro de 2025, acompanhada da elaboração de diário de campo, análise interpretativa e interlocução com referenciais teóricos. A observação participante, ao permitir vivenciar o cotidiano do EPCRER, favoreceu a construção de uma compreensão situada dos usos do espaço, das interações entre estudantes e gestores, dos objetos culturais e simbólicos ali expostos e das práticas que configuram o ambiente como espaço educativo. Nessa perspectiva, o diário de

[1] Graduando em Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE, Brasil, mateus.nobrega@ufrpe.br.

campo tornou-se instrumento reflexivo essencial, alinhado à compreensão de Pimenta (1999) de que a formação do professor exige análise crítica da prática, leitura atenta da realidade e elaboração de saberes produzidos no e pelo cotidiano. O referencial teórico articula quatro eixos fundamentais: a formação reflexiva (Pimenta, 1999), a pedagogia crítica freireana (Freire, 1996), a educação não formal como campo de formação cidadã (Gohn, 2006) e a interpretação das relações étnico-raciais no Brasil a partir das categorias de preconceito de marca e de origem (Nogueira, 2007). A análise do cotidiano do EPCRER permitiu dialogar concretamente com essas perspectivas. Freire (1996) afirma que a educação exige ética, curiosidade e compromisso com a humanização; no EPCRER, tais dimensões aparecem na forma como o gestor do espaço acolhe estudantes, provoca reflexões sobre identidade e incentiva que descubram o sentido das relações étnico-raciais, perguntando-lhes sobre suas percepções de ser um homem negro, uma mulher negra ou um sujeito atravessado por outros marcadores sociais. O espaço funciona como ambiente de diálogo, escuta e reconhecimento, onde a cultura é compreendida como prática libertadora. As contribuições de Gohn (2006) tornaram-se evidentes ao observar como o EPCRER opera como espaço educativo não formal: nele, os estudantes circulam entre livros, obras de arte, quadros, esculturas em barro, símbolos ancestrais e materiais que representam não apenas a cultura afro-brasileira, mas também referências indígenas e ciganas, mencionadas pelo gestor como parte integrante do propósito do espaço. O EPCRER abriga elementos visuais e narrativas que celebram a pluralidade étnico-racial, funcionando como ambiente de aprendizagem social e cultural. A presença de quadros, artefatos e textos relacionados a diferentes povos reforça a compreensão de que o espaço promove um diálogo interétnico que ultrapassa a referência exclusiva à população negra, inserindo na formação dos visitantes uma noção ampliada de diversidade. Por sua vez, a reflexão sobre preconceito de marca e preconceito de origem, proposta por Nogueira (2007), ofereceu base analítica para compreender aspectos observados na composição do público e nas relações sociais presentes no espaço. A predominância de estudantes pardos e negros, acompanhada da presença de visitantes brancos, evidenciou como o EPCRER se constitui como ambiente de afirmação identitária, sem excluir públicos diversos, funcionando como espaço de encontro e valorização das diferenças. Além disso, o estudo de Nogueira (2007) permitiu interpretar de forma mais aprofundada a relevância das ações culturais ali presentes, como a exposição de orixás e rezadeiras no *hall* da Biblioteca Central da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que reafirma a legitimidade de expressões afro-religiosas historicamente marginalizadas. A imersão também permitiu observar práticas educativas que

ocorrem de forma espontânea ou articuladas à universidade, como o momento em que um grupo de aproximadamente vinte estudantes do curso de Geografia realizou atividades da disciplina Geografia das Relações Étnico-Raciais no espaço, demonstrando como a educação não formal dialoga continuamente com a educação formal. Esse trânsito revela, como aponta Pimenta (1999), que a prática docente se constitui na relação entre espaços, sujeitos e saberes, demandando que o futuro pedagogo desenvolva sensibilidade para ler e intervir criticamente em diferentes contextos. A análise dos registros indica que a imersão no EPCRER contribuiu de maneira significativa para a construção de uma postura reflexiva acerca da prática educativa, das relações étnico-raciais e da importância dos espaços culturais para a formação inicial dos sujeitos. O conjunto de vivências permitiu reconhecer o papel do pedagogo como mediador cultural, agente de transformação social e sujeito comprometido com práticas antirracistas e emancipatórias. Conclui-se que a imersão possibilitou compreender a educação como prática de liberdade (Freire, 1996), reconhecer a potência dos espaços não formais (Gohn, 2006) e ampliar a compreensão sobre relações raciais a partir da perspectiva de Nogueira (2007). A experiência reafirma a importância de incorporar à formação de professores vivências que promovam o diálogo intercultural, a valorização da diversidade e o desenvolvimento de práticas comprometidas com a justiça social, especialmente no que se refere às questões étnico-raciais. Por fim, reconhece-se a importância do Espaço de Pesquisa e Cultura das Relações Étnico-Raciais da UFPE, enquanto ambiente formativo, político e acolhedor a todos seus visitantes.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente, Educação não formal, Relações étnico-raciais.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27–38, 2006.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito de marca e preconceito de origem. In: NOGUEIRA, Oracy. Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais. São Paulo: T. A. Queiroz, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. Revista da Faculdade de Educação, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 72–89, 1999.